

FORMAS DO REAL E REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM *EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS*, DE MARÇAL AQUINO

FORMS OF REAL AND REPRESENTATION OF VIOLENCE IN *EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS*, BY MARÇAL AQUINO

*Igor Iuri Dimitri Nakamura*¹

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143306

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura sobre as facetas do realismo imbuídas no discurso para a construção da temática da violência no romance *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, de Marçal Aquino (2005). Pretende-se também traçar os matizes da violência na textura do discurso narrativo. Com base em Schollhammer (2009), Candido (1989) e Pellegrini (2008), evidencia-se um realismo brutal que denuncia o abandono do Brasil interiorano e a corrupção da iniciativa privada.

ABSTRACT: This paper proposes a reading about the facets of realism imbued in the discourse for the construction of the thematic of violence in the novel *Eu receberia as piores no-*

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP.

tícias dos seus lindos lábios, by Marçal Aquino (2005). It is also intended to trace the nuances of violence in the texture of narrative discourse. Based in Schollhammer (2009), Candido (1989) and Pellegrini (2008), it is evident a brutal realism that denounces the abandonment of the interior Brazil and the corruption of the private initiative.

PALAVRAS-CHAVE: Marçal Aquino; Violência; Realismo.

KEYWORDS: Marçal Aquino; Violence; Realism.

INTRODUÇÃO

Na conjuntura do cenário atual, a produção ficcional brasileira caracteriza-se pela dificuldade de se traçar princípios unificadores e limites precisos que definam enquanto tal, quer seja a partir do âmbito formal com o emprego de recursos linguísticos que transitam da fala do dia-a-dia ao hibridismo, quer seja a partir do âmbito conteudístico abrangendo temáticas como a violência, a marginalidade, o insólito, a incomunicabilidade, enfim, elementos que latejam no cotidiano. Diante desse cenário, um aspecto comum se desnuda e perpassa parte da ficção brasileira contemporânea no que tange aos problemas sociais e históricos nela retratados. Trata-se do que Schollhammer (2009, p. 15) entende como a “urgência de falar sobre e com o real”.

Porém, falar sobre e com o real, como na premissa de Schollhammer (2009), implica uma nova acepção do conceito de *mimesis*, a representação da realidade na literatura, como também implica uma compreensão do que consiste esse real consubstanciado nas formas literárias.

No que tange à mimese, doravante representação, Schollhammer (2009, p. 14) aponta um grupo de escritores, entre os quais Marçal Aquino, que visam “uma reinvenção do realismo, à procura de um impacto numa determinada realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15). Trata-se, portanto, de uma “literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 14). Entretanto, a representação das problemáticas sociais nas obras de escritores como Marçal Aquino não é fortuita; pelo contrário, incide, segundo Schollhammer (2009, p. 15), “na busca de se refazer a relação de responsabilidade e solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo”.

A propósito da consistência do real, um dos problemas sociais marcantes no cenário atual é a violência. Contudo, a violência dissocia de um simples elemento recorrente na realidade nacional e, na ótica de Pellegrini (2008, p. 16) torna-se “constitutiva da cultura brasileira, como elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social”. Para Pellegrini (2008, p. 16), “a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos

matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada assim desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia”.

Ao se contrastar o real e o colapso de um território violento, este trabalho pretende analisar as formas do realismo adotadas para a representação da violência no cotidiano brasileiro enquanto temática do romance *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, de Marçal Aquino (2005). Pretende-se também mapear os “tons” e “semitons” da violência, aludidos por Pellegrini (2008), na organização da narrativa.

O LUGAR DE MARÇAL AQUINO NA LITERATURA BRASILEIRA

A estética de Marçal Aquino caracteriza-se por uma narrativa realista que enfatiza o universo violento tanto das metrópoles, quanto do interior do país. Natural do município de Amparo, interior paulista, jornalista por formação e roteirista, Marçal Aquino é autor de obras como a novela *O invasor* (2002), sendo agraciado pelo Prêmio Jabuti em 2002 pelos contos de *Amor e outros objetos pontiagudos* (2001).

Última obra do autor, o romance *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* retrata a história de amor entre o fotógrafo Cauby e a ex-prostituta e ex-dependente química Lavínia, uma mulher sensual e bipolar casada com o pastor Ernani. Mas, como sublinha Schollhammer (2009, p. 60), “a escrita arma uma estrutura enigmática que habilmente produz um suspense na melhor tradição policial a

serviço de uma intriga de amor impossível”.

Souza (2013) afirma que a violência materializa-se no espaço do romance de Marçal Aquino (2005) e expõe as personagens à sujeição de um acontecimento violento, de modo a conduzir o discurso à ambientação do medo e da tensão. Com a violência gritante do local, Cauby deixa de ser o vilão do triângulo amoroso para, ao longo do romance, assumir o papel de vítima da brutalidade naturalizada.

Já Felício (2013) parte da tese de que as vozes sociais interpelam-se no romance, de modo a transparecer a ideologia da época na obra e, assim, realiza um estudo comparativo sobre a dissimulação da personagem Virgínia, de Machado de Assis, e a instabilidade psico-emotiva da marginalizada Lavínia, esta sob o clive da manipulação de um narrador-protagonista e de um narrador-intruso com implicações de um autor implícito.

Lara (2014) interpreta os elementos do trágico em *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, em contraste com o *Édipo-Rei*, de Sófocles, com a tese de que o amor carnal culmina com o destino desafortunado das personagens e deflagra, de forma ressignificada, a estrutura da tragédia grega na estrutura do romance.

Por sua vez, Dalcin (2015) aponta para um romance construído entre o narrar e o fotografar, de modo que a narrativa é esteticamente elaborada através dos flashes da máquina fotográfica do protagonista. Para Dalcin (2015), a personagem Cauby é uma espécie de narrador-fotógrafo

que capta a partir das lentes de sua máquina a realidade violenta que o cerca, deixando no discurso as suas marcas. Além disso, Dalcin (2015) defende a presença de um autor implícito que se imiscui na narrativa.

BRUTALIDADE E REALISMO FERROZ

O enredo de *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* se passa em um vilarejo paraense, onde impera a corrupção dos poderosos da mineração e os seus habitantes estão subordinados à mineradora autoritária, sobrevivem à sombra dessa macroempresa que comanda o local. Ela, por sua vez, explora as riquezas das terras que se apropria e responde a ferro e a fogo a quem se opor ao seu domínio, como o fazem os garimpeiros. Estes, então, organizam-se em um sindicato e levantam resistência à empresa déspota e corrupta.

Em síntese, a história é relatada por um narrador-fotógrafo que, posicionado no presente da enunciação, conta os eventos narrativos passados que vivenciou no vilarejo, como os conflitos locais com a mineradora. A partir da relação entre opressores e oprimidos, mineradora e garimpeiros, cria-se uma zona de tensão narrada por Cauby que, preocupado em fotografar as prostitutas do local a serviço de uma revista parisiense, descreve sua sensação em meio a esse clima:

Gostei da cidade, senti que o instinto me mandava ficar ali por uns tempos. Havia eletricidade no ar: a tensão entre os garimpeiros e a mineradora tinha chegado no auge. Alguma coisa estava para acontecer e eu resolvi esperar para ver.
(AQUINO, 2005, p. 24-25)

A tensão entre mineradora e garimpeiros, ambientada no romance à voz do narrador-fotógrafo, estoura e resulta em violentos conflitos ao longo da narrativa. Desamparados pela escassez estrutural do Estado e abandonados em um espaço desumanizado em que o direito só é válido aos poderosos, os garimpeiros são constantemente atacados por pistoleiros anônimos às ordens de sua arquirrival. O resultado são as chacinas rotineiras como a que é descrita detalhadamente pelo narrador-fotógrafo, ainda no início do romance:

Os cadáveres estavam jogados num monte de lixo. Três caras. Tinham usado munição pesada neles. Principalmente na cabeça. Um negócio feio.

Clica os presuntos aí, o delegado disse. Seis fotos para cada um, entendido? Dê preferência ao rosto, é pra reconhecimento.

Olhei para os defuntos. E senti enjoo. Protestei: Porra, cadê o fotógrafo de vocês?

O delegado apontou um dos mortos. Um gordo, em que faltava metade do crânio.

Olha ele ali. Tinha que se meter nessa história dos garimpeiros?

(AQUINO, 2005, p. 30)

Nessa cena, observa-se a brutalidade sedimentada nas imagens empregadas no discurso. Os cadáveres estirados no lixo e os crânios espatifados à bala sob os cliques da máquina fotográfica representam a barbárie, o espetáculo do horror a céu aberto. Toda a cena é descrita pelo narrador-fotógrafo e o efeito de sentido é a exposição experimental do real aos olhos de quem presencia, como sublinha Candido (1989):

Talvez este tipo de feroz realismo se perfaça melhor na narrativa em primeira pessoa, dominante na ficção brasileira atual, em parte, como ficou sugerido, pela provável influência de Guimarães Rosa. A brutalidade da situação é transmitida pela brutalidade do seu agente (personagem), ao qual se identifica a voz narrativa, que assim descarta qualquer interrupção ou contraste crítico entre narrador e matéria narrada. (CANDIDO, 1989, p. 212-213)

É a partir da representação da realidade nua e crua

pela experiência nauseativa de Cauby, o agente narrador e personagem-testemunha da chacina, que a cena é imageticamente construída no romance. Nota-se, porém, uma bifurcação no ponto de vista adotado na narrativa. A violência da cena excede o realismo dito “brutalista” defendido por Candido (1989) e desemboca para uma naturalidade depreendida no registro de fala da personagem, o delegado Polozzi, que não esboça nenhuma comoção diante da chacina. Não se pode adentrar aos pensamentos da personagem, uma vez que toda narrativa se passa pelo crivo do narrador-fotógrafo, mas a fala “clica os presuntos aí” diante dos cadáveres fuzilados demonstra a frieza de quem convive e trabalha rotineiramente com a violência. Assim, o que é para Cauby e para o leitor brutalidade, é para o delegado Polozzi um acontecimento comum do dia-a-dia.

A brutalidade do realismo feroz de que fala Candido (1989) se reitera ao longo do romance. Em outra passagem, Cauby narra o momento em que entra na casa de Chang, um chinês pedófilo e agiota odiado pelos moradores do vilarejo, e o encontra morto:

Entrei com cautela, me preparando para o pior. Mas foi pior que o pior. Eu nunca estaria preparado. Um enxame de moscas se alvoroçou no quarto. Chang estava sentado no chão, só de camiseta, as costas apoiadas na cama, cabisbaixo, estripado, com as mãos pousadas abai-

xo do umbigo, como se tivesse morrido tentando impedir que os intestinos transbordassem para fora do ventre. Tinha defecado e urinado. Sua boca aberta deixava ver as fileiras de dentinhos de rato trancados numa dor derradeira. Já era o terceiro dia de sua ausência no mundo. O fedor da morte empestava o quarto. (AQUINO, 2005, p. 161)

Nessa cena, o narrador-fotógrafo emprega uma sequência de imagens fortes na descrição do cadáver estripado, de modo a reforçar a brutalidade cometida. A hipérbole inicial “pior que o pior” já antecipa a barbárie a ser descrita. O enxame de moscas, a estripação, a imagem dos órgãos transbordando, a defecação, a urinação, o fedor, evidenciam a repugnante experiência do narrador e corroboram a contextura do realismo brutal da cena, tornando-a mais real ainda num jogo sinestésico.

Pellegrini (2008, p. 15) assinala que, em alguns romances contemporâneos, é “como se a dramatização do princípio da violência passasse a ser a diretriz principal da organização formal, com seu caráter inarredável e obsceno, subsumindo tempos e espaços, personagens e situações”. Assim, as sensações do narrador-fotógrafo, o ponto de vista limitado à percepção do narrador de primeira pessoa, o diálogo, o emprego de imagens fortes nas descrições, enfim, são escolhas narrativas que, no constructo narrativo, se jus-

tificam na organicidade do romance a favor de uma tentativa realista de representação da violência.

A VIOLÊNCIA GENERALIZADA

Os conflitos entre mineradora e garimpeiros prosseguem, embora o narrador-fotógrafo faça apenas menções às suas ocorrências. Um dos acontecimentos mais marcantes dessa guerra não declarada é o assassinato da figura emblemática do pastor Ernani, que possuía demasiada influência religiosa sobre as minorias do vilarejo e, por isso, representava um perigo à soberba da mineradora: “Havia tempo acusavam Ernani de insuflar os garimpeiros com suas pregações inflamadas.” (AQUINO, 2005, p. 216)

Inocente, o narrador-fotógrafo Cauby, que era o amante da esposa do pastor, é preso e, depois de inocentado e libertado, é linchado pela população que idolatrava Ernani, em meio a uma violência generalizada, advinda do clima de guerra entre mineradora e garimpeiros:

Naquela tarde, enquanto um bando de devotos da igreja me apedrejava num terreno baldio nos arrabaldes da cidade, num acampamento no meio do mato eram encontrados os corpos de cinco garimpeiros que andavam sumidos. Tinham sido chacinados. Os parentes e amigos trouxeram os cadáveres para a cidade, exibiram

em praça pública. O fedor de decomposição empestou tudo e perfumou a revolta geral. Houve ataques contra a mineradora, que reagiu com sua matilha de jagunços, em confrontos que, é óbvio, dada a disparidade de armamento e, digamos, de know-how dos envolvidos, só deixaram baixas nas fileiras da comunidade. Isso aumentou ainda mais o ódio. Os ataques contra a mineradora recomeçaram e vararam a madrugada. Puseram fogo numa draga. E depois no escritório e nos alojamentos da empresa. Também surgiram focos de incêndio em outras partes da cidade — gente aproveitando a temperatura da hora para dirimir rixas antigas. O saldo da batalha, depois que o Exército interveio e acalmou os ânimos: oito mortos (treze, contando os garimpeiros chacinados), entre os quais um garoto de dez anos, e um número incerto de feridos, sem contar os desaparecidos — muita gente fugiu da cidade. (AQUINO, 2005, p. 213)

Ao encontrar o suposto assassino do pastor popularmente santificado, a reação da multidão é agir com o que lhe resta, a violência, para vingar a dor da perda de um homem concebido como santo. Logo, o fotógrafo é linchado. Com base na ideia de violência como elemento fundante da cultura brasileira, observada por Pellegrini (2008), pode-se afir-

mar que o linchamento ocorre pelo fato de a violência constituir um elemento incrustado nas raízes culturais de um povo desorientado e revoltoso. Vivendo e sobrevivendo à mercê da violência, esse povo retorna às suas raízes sociais, age e reage com a violência.

Outra passagem do romance que demonstra a violência generalizada e a ação/reação violenta da população local é o episódio da prisão do assassino Guido Girard que, depois de dias embrenhado na mata, entrega-se na delegacia:

A notícia se alastrou pela cidade feito achamento de ouro e, num minuto, juntou um aglomerado na frente da delegacia. Gente armada no meio. Exigiram a liberação de Guido. O argumento da turba obedecia à lógica perversa do lugar: qualquer um teria feito o mesmo com o chinês, talvez pior. Precavido, o delegado garantiu que Guido não ficaria preso, ia apenas prestar depoimento e depois sairia. Mas ninguém debandou até a hora em que ele deixou a delegacia, e só faltou aplaudirem e carregarem Guido pelas ruas. Soltaram até fogos. Quem viu, conta que ele ficou meio constrangido com a festa. Um herói desajeitado. O assassino confesso de Chang nem chegou a sentir o cheiro de mijo velho do xadrez local. Eu tive esse privilégio. (AQUINO, 2005, p.148)

Essa cena ilustra a violência como elemento cuja ordem social se organiza em torno. Desorientada, a turba se aglomera em frente à delegacia e exige a libertação do assassino Guido Girard, que estripou Chang. Pressionado, o delegado vê-se obrigado a liberar o criminoso. É a própria população que exerce o poder e age por intermédio da pressão, da intimidação. O resultado é a comemoração da população local à custa de uma morte e de um crime impune.

Lembremo-nos da definição de violência de Leenhardt (1990) para quem “[violência] é o termo que aplicamos para designar na sociedade, fenômenos que se destacam do deslocamento da consciência coletiva” (LEENHARDT, 1990, p. 14). A violência, para Leenhardt (1990), “nasce onde não há acordo sobre regras e princípios, onde se apaga a ideia de corpo social” (LEENHARDT, 1990, p. 14). É esse o cenário em que eclode a tensão do romance de Marçal Aquino (2005). O linchamento de Cauby, os gritos de liberdade para o justiceiro Guido Girardi e os incêndios provocados pela turba do local atestam a falta de conjuntura da ideia de “corpo social”. Sem a consciência coletiva, sem regras e princípios que regem o homem civilizado, não há corpo social, há a generalização, a barbárie e, assim, agem, no determinismo (neo) naturalista, as pessoas desse meio.

O REALISMO TRAUMÁTICO

Outro aspecto da violência recorrente em *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* é a presença do trauma, que ancora a abertura de muitos capítulos do romance. Linchado pelo povo irritadiço e desorientado, Cauby nos denuncia os flashes que entrecortam sua memória:

Não adianta explicar. Você não vai entender. Às vezes, como num sonho, vejo o dia da minha morte. É uma coisa meio espírita, um flash. E, embora a mulher não apareça, sei que é por causa dela que estão me matando. E tenho tempo de saber que não me deixa infeliz o desfecho da nossa história. Terá valido a pena.

(AQUINO, 2005, p. 11)

O realismo desenhado por Cauby é traumático. Sobre o trauma, Schollhammer (2009, p. 72-73) afirma que “a representação nos guarda e protege contra o real em sua manifestação mais concreta (violência, sofrimento e morte) e, num mesmo golpe, indica e aponta para o real.” É nesse sentido que a imagem recuperada por Cauby é a repetição do trauma representado, com a violência e o sofrimento manifestados, ao passo que o objeto representado, a amada Lavínia, mergulha nas formas oníricas da memória do fotógrafo. Porém, Cauby ironicamente está feliz e mesmo

inocentemente preso e linchado, com as sequelas físicas da violência sofrida – está cego, surdo e manco –, ele não perdeu de um todo seu objeto amoroso e Lavínia aparece indiretamente nos flashes, que se repetem ao longo do romance:

Estou andando pela rua e me aproximo de um estranho que, sem mais nem menos, saca um estilete comprido e começa a me golpear na barriga. Sinto a dor, ouço o sujeito dizer entredentes:

Pra você aprender a não folgar com a mulher dos outros.

Um sonho, claro. Apenas um sonho que tive. A coisa não acontecerá desse jeito. É improvável.
(AQUINO, 2005, p. 63)

Em termos de narrativa, a imagem traumática conduz a um determinado efeito de sentido. O narrador deixa a narração dos acontecimentos narrativos pretéritos e volta-se para o presente da enunciação para então narrar os flashes de violência incrustados em sua memória. Essa escolha narrativa no presente temporal equivale à preocupação “tanto no sentido temporal mais superficial de tomar-se a “ficção do momento” quanto no sentido mais enfático de impor sua presença performativa” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 13). Ao mudar o modo narrativo com um tempo verbal no

presente, o narrador torna mais real as formas difusas dos flashes e enquadra-as na simultaneidade da leitura.

CONCLUSÃO

Candido (1989, p. 212) assinala que “guerrilha, criminalidade solta, superpopulação, migração para as cidades, quebra do ritmo estabelecido de vida, marginalidade econômica e social — tudo abala a consciência do escritor”. Assim, submerso em um ambiente marcado por fatores sociais gritantes, o escritor se engaja e aborda a realidade ao seu redor, aliás, ela lhe exige tal abordagem. Cabe a ele cumprir a função comunicativa da linguagem literária e esboçar ao público a violência, a periferia, a desigualdade, a marginalidade, entre outros elementos sociais pulsantes na realidade em que se insere.

Assim, Marçal Aquino (2005) apresenta um enredo marcado pela violência sob as lentes de um narrador-fotógrafo. Não obstante, a representação da violência transcorre para uma variante de “tons” e “semitons” desse tema que conduzem o discurso às formas do realismo evocadas na obra. A brutalidade e o realismo feroz, a violência generalizada, o realismo traumático, enfim, são elementos constitutivos não só do romance, como também do cotidiano vivenciado pelas minorias no Brasil. Portanto, o que Marçal Aquino (2005) faz é engendrar, na tessitura do discurso, a deflagração de um vilarejo paraense, que é a metáfora do

Brasil interiorano, subjugado aos mandos e desmandos de uma empresa inescrupulosa, denunciando, assim, o descaso do poder público à luz da iniciativa privada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

DALCIN, Camila. *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios: linguagem e forma literária*. 2015. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS.

FELICIO, Gisele Montoza. *Mulheres de vida dupla: as singularidades de Virgínia, de Machado de Assis e de Lavínia, de Marçal Aquino*. 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP.

LARA, Maria das Dores. *Entre o amor e a ruína: os elementos do trágico no romance *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios**. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG.

LEENHARDT, Jacques. Prefácio. In: LINS, Ronaldo Lima.

Violência e Literatura. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil hoje. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2008, p. 15-34.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOUZA, Fabrina Martinez de. *Silêncio, violência e melancolia em Marçal Aquino: uma leitura de Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas – MS.

Submissão: 08/02/2018

Aceite: 09/04/2018